

DE MEMES A FAKE NEWS: DESAFIOS DE UMA PESQUISA- FORMAÇÃO NA CIBERCULTURA

Wallace Almeida
Edmea Santos

DE MEMES A FAKE
NEWS: DESAFIOS DE
UMA PESQUISA-
FORMAÇÃO NA
CIBERCULTURA

Resumo: O presente artigo é uma análise dos achados de uma pesquisa-formação que acontece no programa de pós-graduação em educação da UFRRJ, que tem como campo de pesquisa o cotidiano da disciplina de “Informática na Educação” do curso de Licenciatura em Pedagogia a distância pela UERJ/CEDERJ/UAB. Nosso objetivo era compreender quais os usos que os praticantes culturais fazem de seus dispositivos móveis e como são instituídas as práticas de App-Learning em seu cotidiano para formar docentes na Cibercultura. Partimos desse contexto para pesquisar a emergência das fake news e suas repercussões na sociedade, inclusive na educação, para propor estratégias e metodologias de pesquisa-formação em tempos de pós-verdade (SANTAELLA).

Palavras-chave: Pesquisa-formação na cibercultura; Memes; Fake News

FROM MEMES TO FAKE NEWS: CHALLENGES OF RESEARCH-TRAINING IN CYBERCULTURE

Abstract: This article is an analysis of the findings of a research-training that takes place in the UFRRJ graduate program in education, which has as its research field the daily routine of the “Informatics in Education” course of the Pedagogy Degree course the distance by UERJ / CEDERJ / UAB. Our goal was to understand what cultural practitioners use their mobile devices for and how App-Learning practices are instituted in their daily lives to train teachers in Cyberculture. We started from this context to research the emergence of fake news and its repercussions on society, including education, to propose research-training strategies and methodologies in times of post-truth (SANTAELLA).

Keywords: Research-training in cyberculture; Memes; Fake News

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar os achados do contexto de uma pesquisa-formação em educação online e lançar novas proposições de pesquisa a partir da análise do contexto atual da cibercultura e da eminente necessidade de formar docentes para atuar com as mídias em tempos de pós-verdade.

A opção por investigar como essa guerra de narrativas vem modificando as formas de atuação e formação docente manifesta-se da vontade de darmos continuidade aos estudos dos fenômenos que emergem da cibercultura e suas apropriações pelos praticantes culturais. Motivação que surge a partir dos movimentos vividos nos anos iniciais de uma pesquisa onde os atos de currículo em bricolagem com a ubiquidade dos processos de aprendizagem suportados pelo uso de aplicativos de dispositivos móveis (App-Learning), fazem surgir a produção, circulação e difusão de narrativas e imagens que traduziam os desafios e incertezas que encerram o ser professor em um cenário tão conturbado como o da educação brasileira.

Os achados desse estudo denotam, principalmente, que atos de currículo situados nessa perspectiva de aprendizagem, podem privilegiar o processo de constituição de autoria e de conscientização crítica/política dos praticantes envolvidos para a criação de uma prática docente coerente que parte da própria vivência para fomentar movimentos de resistência suportados pelos fenômenos da cibercultura. Uma competência fundamental para a proposição de práticas que contemplem a formação de um docente para a cibercultura, uma vez que este parte da implicação do mesmo com a causa e o interesse de mobilizar, informar e agir, tendo como suporte essencial de luta as novas tecnologias do ciberespaço (LEMOS, 2003, p. 2).

Entendendo que o papel do professor é criar e arquitetar ambiências formativas, inteligentes e desafiadoras, que preparem as pessoas para o exercício da cidadania (SANTOS, 2018), partimos do pressuposto que os mesmos aplicativos que protagonizam em nossos dispositivos móveis – celulares e tablets – a avalanche de desinformação, podem nos ajudar também a potencializar a autoria (BACKES, 2012) e a aprendizagem colaborativa (TORRES, 2007) se pudermos estruturar e articular o que se pode ser produzido em rede.

Partindo dessas considerações iniciais onde procuramos trazer o contexto do tema principal do artigo, o texto está organizado em mais três outras partes conforme demonstramos a seguir: *“pesquisando a formação política docente em rede”*, onde introduzimos o contexto de uma pesquisa apresentando os achados em perspectiva com a questão da formação docente para a atuação política. *“A pesquisa e a educação como ato político”* onde situamos o contexto que move o surgimento de um novo fenômeno da cibercultura e fundamentamos os dilemas que ele propõe. *“Uma guerra de narrativas e sua tática de confronto”* onde apresentamos algumas alternativas que podem fundamentar propostas de práticas pedagógicas inspiradas em táticas de resistência na cibercultura.

Por fim, concluímos compreendendo que é preciso formar educadores que sejam capazes de “criar, mediar e gerir ambiências educativas”, mesmo em contextos excludentes, segregacionistas e antidemocráticos, uma vez que o docente é fundamental na mediação de todo o processo crítico formativo dos praticantes nesse cenário complexo e múltiplo de fontes, de dispositivos e de aplicativos pelos quais somos atravessados todos os dias enquanto buscamos informação.

PESQUISANDO A FORMAÇÃO POLÍTICA DOCENTE EM REDE

A presente narrativa é fruto de uma pesquisa-formação na cibercultura que acontece em contexto de pós-graduação em educação que teve como campo de pesquisa o cotidiano da disciplina de “Informática na Educação” do curso de licenciatura em Pedagogia a distância pela UERJ/CEDERJ/UAB. A disciplina conta com um grupo no Facebook e está arquitetada no *Moodle*, que é uma plataforma de aprendizagem a distância baseada em *software* livre onde todos interagem criando e cocriando o conhecimento e suas aprendizagens.

Buscando compreender como criar e propor atos de currículo em educação online com práticas de App-Learning, investimos em um desenho didático aberto onde pudéssemos situar e abrir nossas práticas a novas experiências, construindo o currículo ao longo do processo formativo com os praticantes. Desse modo, poderíamos, para além de compreender seus usos, promover uma primeira experiência formativa de educação online. Situando nossa prática na proposta de entendimento de que para se pesquisar na cibercultura é preciso atuar como praticante cultural produzindo dados em rede. Desse modo não poderíamos conceber que nossos interlocutores nessa pesquisa seriam meros informantes, mas sim atuantes produtores de culturas e saberes. (SANTOS, 2015, p. 10; 2019, p. 20).

Partindo então dos nossos dilemas de pesquisa, articulamos as potencialidades dos aplicativos com a metodologia da pesquisa-formação na cibercultura, para então conceber as aulas da disciplina, abordando diferentes perspectivas na intenção de acionar dispositivos disparadores de narrativas e imagens e com estas dialogar (SANTOS, 2015; 2019, p. 122). A temática das aulas buscava a compreensão das principais atividades que cresciam em engajamento na cidade e no ciberespaço até o momento: a popularização dos aplicativos de realidade aumentada e de produção e propagação de memes. Para o foco desse artigo

não pretendemos resgatar todos esses objetivos propostos nas aulas, mas apenas atender a proposta de revelar alguns dos passos que nos levam a compreender como a perspectiva da autoria no processo formativo da produção desses memes pelos docentes permite a proposição de novas oportunidades de pesquisa-formação.

O que importa nessa complexa rede de relações é a garantia da produção de sentidos, da autoria dos sujeitos/coletivos. O conhecimento deve ser concebido como fios que vão sendo puxados e tecidos criando novas significações, num processo em que alguns irão conectar-se a novos, outros serão refutados ou serão ignorados pelos sujeitos, “nós”, até que outros fios sejam tecidos a qualquer tempo/ espaço, na grande rede que é o próprio mundo. (SANTOS, 2005. p. 24)

Na intencionalidade pedagógica de formar educadores ciberculturais sugerimos na segunda aula que os praticantes da disciplina mobilizassem letramentos digitais ao sintetizar de forma visual como eles compreendiam a concepção de um contexto formativo que tivesse como ponto de partida a produção de um meme. Um meme é normalmente uma ideia. Uma espécie de tendência e forma que se dissemina entre indivíduos de uma mesma cultura. Um meme desloca significados que são difundidos de um indivíduo a outro através de dinâmicas replicadas, mixadas e compiladas e recompiladas que adaptam novas perspectivas ao seu contexto original. É também uma expressão autoral e artística geralmente compactada em uma imagem, vídeo e/ou *GIF*.

À época dos fatos estávamos vivendo o contexto perverso de sucateamento da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, quando a negligência do ex-governador do estado do Rio de Janeiro, Luiz Fernando “Pezão”, provocou o atraso dos salários dos servidores e do pagamento de contratos com fornecedores que cuidavam da limpeza, segurança e manutenção da universidade. Alunos, professores e funcionários viviam a

pior crise em 66 anos de história da instituição, que sem o financiamento necessário para continuar em funcionamento, precisou entrar em greve¹.

Da necessidade de se fazer ouvir pelo coletivo da sociedade, da eminência de se fechar as portas as camadas mais necessitadas da população diante da proposta de privatização e em busca de propor um contradiscurso aos desmontes do governo, datam os contextos que fizeram eclodir o movimento #UERJRESISTE que buscava coordenar, através das redes, maneiras pelas quais a comunidade universitária poderia participar dos atos, ocupações e principalmente se engajar-se na produção e no compartilhamento de práticas de luta e resistência.

Em meio as ressonâncias desse movimento os praticantes da disciplina começaram a produzir memes carregados de autoria crítica e política que convergiam suas produções visuais em holofotes de consciência coletiva que escancaravam a realidade do que acontecia na universidade e no país em busca de soluções. Essas produções foram surgindo em grande quantidade e transitaram o foco das narrativas que vinham ocorrendo na disciplina. Gerando um volume maior de engajamento que qualquer outra postagem do grupo, essas postagens seriam as responsáveis por levantar uma diversidade de questões na dinâmica da disciplina, partindo da oposição à política do governo do estado do Rio de Janeiro para o debate acerca dos problemas econômicos do país, passando pela impunidade, a aparente imparcialidade dos meios de comunicação e pela crítica aos levantes do movimento de desinformação nas redes.

¹ O que estava acontecendo na UERJ revelava não somente as proporções da crise que o estado do Rio de Janeiro estava enfrentando com a absoluta falta de visão estratégica por parte dos nossos governantes, como evidenciavam também os resquícios da subversão da ordem institucional que tinha sido estabelecida nas eleições presidenciais de 2014, que anunciavam a eminente falência dos processos democráticos como também a precarização da educação pública, de suas conquistas e dos seus defensores.

No resgate desses dilemas que todos estávamos vivendo e na proposição de um diálogo coletivo, essas produções estavam gerando novas perguntas e sentidos que não cabiam apenas nos grupos da disciplina, pois eram ostentadas em destaque nos perfis pessoais dos praticantes, viralizando ideias, contextos e práticas daquele coletivo de docentes em formação em suas redes, constituindo, para muitos, a primeira experiência relevante de expressão política engajada.

Figura 1 – Montagem de capturas de postagens de autoria dos praticantes.



Fonte: Grupo da disciplina Informática na Educação (PED-LIC) - UERJ no Facebook

A autoria coletiva surge, portanto, da interação entre indivíduos singulares, que em perspectiva de conectividade em rede, trocam entre si e com o mundo através de experiências significativas, partindo do enfrentamento individual de um contexto opressivo para a conscientização coletiva ao aproximar cada vez mais os pares em busca de soluções.

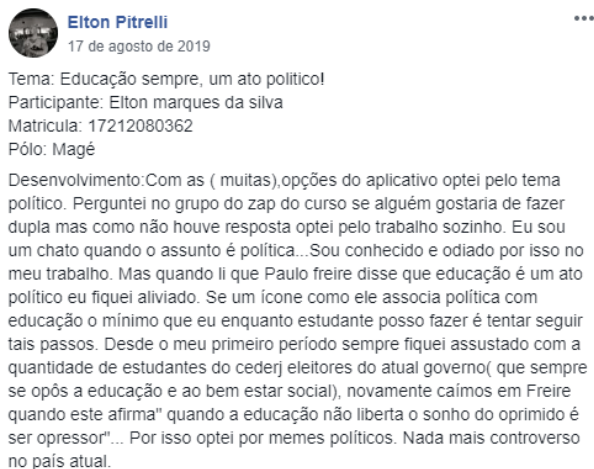
Oprimidos que agora estavam se descobrindo ativistas enquanto militavam através de suas próprias narrativas e imagens produzidas em contexto de mobilidade. Assim, ao

decidirem pelo posicionamento nas redes, em oposição à omissão que lhes seria natural, perceberam que não poderiam mais permitir que outros decidissem e perpetuassem as mazelas que desafiavam a sua prática sem antes empreender ao menos um movimento de resistência.

Quem, melhor que o oprimido, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 2011. p. 17)

Pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por sua causa os praticantes da disciplina haviam-se descoberto capazes de empreender uma nova prática, uma nova forma de expressar sua oposição, que parte da fagulha do movimento de autoria criadora para gerar no imaginário coletivo, uma nova construção do saber. Onde, na medida em que cada voz era ouvida, novas discussões eram emergidas, outras perspectivas eram internalizadas, atingindo novas concepções dos saberes produzidos que não haviam sido pautadas (BACKES, 2012, p. 82).

Figura 2 – Justificativa do praticante Elton Pitrelli para a produção de memes políticos



Fonte: Grupo da disciplina Informática na Educação (PED-LIC) - UERJ no Facebook

Ao contemplarmos a narrativa de Elton, um dos autores dos memes que compõem a montagem acima, percebemos que o praticante parte de sua prática cotidiana de “enfrentamento” no trabalho para produzir imagens que bricolam a proposta da aula, de produzir um contexto formativo a partir de um meme, com uma nova abordagem, ainda que situada no referencial teórico de Pedagogia, para atuar na composição de um novo saber que não estava estabelecido, o de que a educação “é um ato político”.

Essas apropriações e ressignificações da proposta da atividade para a concepção de um novo saber inspirado pelas vivências e práticas de luta e resistência, emergiam na comunidade de praticantes um novo olhar acerca dos usos que eles faziam de seus dispositivos móveis, que agora potencializado pelo App-Learning, possibilitava novas formas de se interagir e de se intervir na estabilidade do mundo.

Ao reconhecer essas intervenções dos praticantes na dinâmica planejada para a disciplina, reforçamos o nosso compromisso com atos de currículo abertos, inacabados e que precisam ser tecidos com os outros (pessoas, conteúdos,

instituições, documentos oficiais, práticas cotidianas...) e contextualizados (ALMEIDA; SANTOS; CARVALHO, 2018, p. 211). Mediar requer uma docência *online* colaborativa, que incentiva construção do conhecimento, acompanha o processo formativo do aprendente, faz intervenções sempre que necessárias e que oportuniza estratégias para promover a autoria nos ambientes formativos (SANTOS; CARVALHO; PIMENTEL, 2016).

Como resultado da pesquisa, chegamos à noção que o resultado do desdobramento da produção-participação coletiva, é constituída na relação dialógica coletiva, na tessitura de pontos de vista, que mesmo que distintos e que gerem tensões no cotidiano das práticas, oportuniza situações de negociação-partilha e colaboração-interatividade, duas justaposições que remontam os fundamentos da democracia digital.

Esses primeiros movimentos com os praticantes da disciplina nos foram profundamente formativos não somente pelo aprendizado de novas formas de nos expressarmos na cibercultura, como também na proposição de um ensaio para os movimentos políticos que iríamos empreender em novos contextos formativos, que foram oportunizados por consequência do surgimento de uma nova pesquisa, que iria se estabelecer por ocasião de novas eleições presidenciais.

A PESQUISA E A EDUCAÇÃO COMO ATO POLÍTICO.

Com o slogan: “*o meu partido é o Brasil*” manifestantes que apoiavam a candidatura do atual presidente, Jair Bolsonaro, invadiam as avenidas Atlântica e a Paulista, vestidos de verde e amarelo comemorando com bonecos infláveis de um Lula presidiário e um Moro *superman*, revelando um cenário sombrio que nos indicava, que mesmo que as eleições presidenciais só fossem ocorrer em outubro, seu rumo seria traçado muito antes disso, ainda em abril, com o desenrolar das investigações da operação Lava Jato.

A exemplo do que se viu nas eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos, vimos as *timelines*² das redes sociais brasileiras transbordarem na propagação de perfis *fakes*, *bots* e notícias falsas que disseminavam ódio, desinformação e confusão em busca de convocar nesses espaços, simpatizantes dispostos a atuar nas trincheiras da mais nova frente de combate da política brasileira.

Entender a real motivação pela qual notícias falsas se espalham tão rapidamente na sociedade contemporânea é uma tarefa simples. Diversos estudos tem revelado que é muito provável que as pessoas acreditem em histórias que favoreçam o candidato que mais se aproxime do seu alinhamento político, principalmente quando o único ambiente que frequentam são as bolhas de suas comunidades virtuais ideologicamente segregadas³ (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017). O resultado é um movimento de falta confiança nas fontes tradicionais de mídia e de informação.

Em face desses acontecimentos, nos vimos atravessados pelos primeiros ataques a educação de Paulo Freire e a popularização do termo marxismo cultural. As universidades públicas eram o alvo da vez, assim como toda e qualquer pesquisa que não rezasse a cartilha daqueles que operavam as trincheiras das máquinas de produção e compartilhamentos de *hoaxes*⁴. Quando a narrativa não era do agrado, expunham pesquisadores e suas pesquisas com ataques diretos à sua atuação, dentro e fora das escolas e das universidades, questionando inclusive a relevância e a necessidade do investimento nessas pesquisas⁵.

² O termo *timeline* refere-se a ordem das publicações feitas nas plataformas sociais online, ajudando o internauta a se orientar, exibindo as últimas atualizações feitas pelos seus amigos. Fonte: <http://bit.ly/atimelinee>

³ Como as notícias falsas geriam as opiniões dos eleitores nas eleições brasileiras. Fonte: <http://bit.ly/fakenevdsiggjt>

⁴ Um embuste (*hoax*, em inglês) é uma tentativa de enganar um grupo de pessoas, fazendo-as acreditar que algo falso é real. Fonte: <http://bit.ly/efarsashoax>

⁵ O pesquisador Mahmoud Baydoun responde à crítica ao seu trabalho. Fonte: <http://bit.ly/mahmoudbaydoun>

Em face desse turbilhão difamatório, pergunta-se: quais as razões de tamanha agressão? O rol de ataques revela, sutil ou claramente, uma intenção de desmonte da universidade pública e de privatização gradual do ensino superior. Tal desmonte tem forte impacto no desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão. O prejuízo atinge, sobretudo, os estudantes, que necessitam da universidade pública, gratuita, inclusiva e de qualidade. Mas afeta também – e drasticamente – a população mais pobre, que demanda os serviços públicos de assistência à saúde, a exemplo daqueles prestados pelos hospitais universitários. É importante ressaltar que esses cortes orçamentários foram significativamente agravados com a aprovação da Emenda Constitucional nº 95/2016, que congelou os gastos públicos por um período de 20 anos. Alguém se lembra? Trata-se da famigerada PEC da Morte – PEC 241/2016, quando tramitou na Câmara dos Deputados, e PEC 55/2016, no Senado Federal. (MEDEIROS, 2019)

O vigiar e punir (FOUCAULT, 1977) passa a fazer parte do cotidiano do pesquisador brasileiro, que passa a lutar diariamente contra a visão de uma universidade que centraliza tudo que corrompe a sociedade brasileira, propagada por um projeto de poder que busca dirimir seu valor em busca de suplantar sua hegemonia para abrir espaço ao rol das teorias conspiracionistas e a negação de fatos científicos.

Em face dessa nova cultura epidêmica, estamos diante de um novo campo de embate, onde a omissão da discussão pode dar ainda mais lugar para a propagação da irrealidade, onde o ato de educar se torna cada vez mais político, ideológico e emancipatório e onde dominar as artes de fazer pode ser nossa melhor alternativa de contra-ataque nessa guerra de narrativas.

UMA GUERRA DE NARRATIVAS E SUA TÁTICA DE CONFRONTAMENTO.

Inspirados então pelos movimentos de resistência *online* promovidos pelo coletivo universitário da UERJ no contexto da última pesquisa-formação e agora impulsionados pelos acontecimentos vividos até então, nos cercamos de nossas certezas para navegar no mar de incertezas ao empreender uma nova pesquisa-formação em educação online, tendo como objetivo compreender o contexto da emergência das *fake news* e suas repercussões na sociedade, inclusive na educação para desenvolver metodologias de pesquisa-formação em tempos de pós-verdade.

O governo da pós-verdade é onipresente, e escuta em nossos bolsos cada movimento dos corpos no ciberespaço. Não existe privacidade, mesmo assim, vivemos em constante letargia, como a vítima do parasita que é anestesiada antes da picada. Não acreditamos em manipulação, em controle dos pensamento e das ações, mesmo que o Netflix já saiba o que você vai escolher assistir antes mesmo que se ligue a televisão. O “Grande Irmão” de Orwell vigia e se materializa nos códigos dos algoritmos, perpetrando ações dignas da ficção, mas com um alcance digno de transfigurar a realidade em uma alternativa. Uma *matrix* que replica em cada aspecto todas as condições do extremismo humano, em busca de subjugar sua existência, ao mero exercício da disseminação de preconceitos, contextos e paradigmas, enquanto o calor dos embates e a impulsividade do previsível são usados como fonte de energia por robôs sencientes.

Desde então, essa é uma guerra de sentimentos. Se fosse da razão, seus idealizadores não arriscariam abrir tão grave precedente em busca de legitimar todo tipo de prática de alienação. Quando o próprio governo contraria e desmoraliza instituições confiáveis e passa a propagar desinformação e embasar discursos baseados em alucinações ou não fazendo a estes nenhum tipo de contra-ação, estimula assim que novos

atores, que compartilhem das mesmas ou de muitas outras suposições, propaguem suas ideias nas redes tornando-se uma potencial emissora de fake news.

Essas questões tornam-se cada vez mais urgentes, principalmente com a emergência da cibercultura. Além de conhecer a dinâmica dos processos comunicacionais, como são produzidas as mensagens circuladas? Quais os interesses dominantes? Cabe ao trabalho docente não só fazer a crítica aos meios, mas sobretudo arquitetar situações e ambiências para a produção desses meios. A cibercultura desafia o currículo e os professores para o exercício de autorias coletivas com seus alunos, pois, ao contrário das mídias de massa, através da internet, cada espaço ou cenário de aprendizagem pode se constituir como uma agência de notícias. (SANTOS, 2005. p. 58)

Tornar a verdade uma inimiga do povo é perigoso para a força vital da democracia por não permitir que se tenha informação disponível para se questionar o poder. A ditadura que usou de critérios políticos para censurar o que se publicava nos jornais e nas revistas e adotou padrões morais para definir o que poderia se tornar público nas artes e nos espetáculos já flerta grandemente com os discursos atuais de perseguição e retaliação à imprensa e de moralização das produções nacionais, que precisam ser heroicas, nacionais, imperativas, vinculada às aspirações urgentes de nosso povo, ou então “não serão nada”⁶.

Ao som de "Lohengrin", de Richard Wagner, vemos esses personagens surgirem das mitologias do nacionalismo brasileiro para resgatar uma pátria que, deitada eternamente em berço esplendido, nunca poderá dizer que foi tomada de assalto na calada da noite. Afinal, ela criou a escuridão quando escolheu ler somente aquilo que endossava a sua visão de mundo, enquanto deformava a verdade para continuar

⁶ Goebbels, ministro de Hitler é parafraseado por secretário de Bolsonaro. Fonte: <http://bit.ly/oalvim>

vivendo como se liberdade de imprensa não existisse ou servisse apenas para pautar os discursos que propagam as ideias das grandes famílias que detêm o controle de tudo o que se produz em comunicação de massa no Brasil⁷.

Em busca de se responsabilizar essas instituições poderosas e o governo que as mantém, surgem divulgações de figuras independentes que através de suas denúncias levantam novas informações que podem alterar completamente o cenário informacional que se tinha de um caso ou de um conjunto de atos de um coletivo de poder.

O uso do termo *whistleblower*⁸ está ligado ao uso de um apito (*whistle* em inglês) que era assoprado (*blower*) em busca de alertar a população que alguma coisa não estava saindo como planejado. A referência mais comum para o contexto nacional seria o uso do apito pelos árbitros nas partidas de futebol onde cada infração é acompanhada de perto com a sua presente sinalização. Em tempos atuais a expressão passa a carregar um significado ainda mais profundo do que de um mero "denunciante" de práticas ilegais, quando compreendemos que embora a sua atuação não altere o fato que inúmeros setores do governo vão continuar operado por debaixo dos panos, fora do alcance da fiscalização da sociedade, esses indivíduos não hesitam em revelar a verdade arriscando suas vidas e carreiras em busca do rompimento com o processo nocivo de alienação sistêmica.

whistleblowers são escolhidos pelas circunstâncias. Não é uma virtude pessoal ou inerente às suas origens. Tem a ver com aquilo a que você se expõe, aquilo que você testemunha. Nesse momento, a pergunta passa a ser: "você acredita sinceramente que tem a capacidade de remediar o problema e influenciar as políticas de Estado?". Eu não encorajaria ninguém a revelar informações, mesmo

⁷ Com o objetivo de mapear os veículos de maior audiência, foram analisados 50 veículos em quatro segmentos (TV, rádio, mídia impressa e online), que pertencem a 26 grupos de comunicação. Veja os resultados: <http://bit.ly/midianobrasil>

⁸ Whistleblowing como ato de resistência política. Fonte: <http://bit.ly/owhistleblower>

que elas sejam sobre irregularidades, se não acredita que possam gerar resultados, já que esse momento perfeito pode ser tão raro quanto a própria disposição a agir. (SNOWDEN, 2016)

Em um desses momentos, onde o Brasil despontava como um poder econômico e político em ascensão de classe mundial, informações e dados foram capturados pelos governos dos presidentes dos EUA George W. Bush e Barack Obama revelando que, em uma oportunidade, o governo Obama ficou muito desconfortável com a estreita relação do Brasil com o Irã. Mas o "Cablegate"⁹ no Brasil teria desdobramentos ainda maiores que a própria divulgação de seu conteúdo uma vez que fortaleceria no país a cultura da transparência da informação e do fortalecimento da profissão do jornalismo em seu aspecto investigativo. Em poucos meses, informações do período da ditadura brasileira passaram a aparecer na imprensa. Jornais estruturavam suas versões de *WikiLeaks* e estabeleciam políticas de jornalismo de investigação enquanto o governo também demonstrava que após mais de vinte e cinco anos da ditadura, estava finalmente pronto para avançar em direção a uma sociedade mais transparente e responsável, com a promulgação da Lei de Liberdade de Acesso¹⁰, assinada pela presidente Dilma Rousseff, representando assim um marco histórico para a cultura política brasileira (VIANA, 2012).

Ao divulgar informações tão importantes, a despeito do enfrentamento das próprias adversidades, eles orientam uma tática de confronto. Na manifestação desses atos de resistência, percebemos que nem mesmo o nacionalismo pode justificar a crença no estado de exceção, onde o país estaria acima de todos, e poderia, com o objetivo manifesto de propagar a “nossa identidade nacional”, ou seja, as ideologias do nosso governo, suplantando as necessidades do coletivo de cidadãos de uma nação.

⁹ Conheça o formato e entenda como são enviados os documentos da diplomacia americana divulgados pelo site WikiLeaks. Fonte: <http://bit.ly/cablegateig>

¹⁰ Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011. Disponível em: <http://bit.ly/liberdade Acesso>

A figura de *whistleblowers* como Assange e Snowden vão se tornar cada vez mais comuns, como o sinal de que é preciso mudar a orientação da bússola que diz que o norte é aquele que dita o que é a verdade, para notar aquele que mostra onde está a verdade. Afinal, não pode existir democracia sem a verdade dos fatos. A verdade fatural toma como referência aquilo que realmente acontece em algum lugar, em algum contexto e que se possa apresentar evidências. É mais que um discurso deliberado, pois na verdade, precede este como representação simbólica dos acontecimentos sem a leitura de mundo que lhe é imposta posteriormente. Isso quer dizer que para além de qualquer discurso que se propaga nas redes existe um fato que o precede em interpretação e que deve ser buscado a todo custo se queremos resgatar ao menos uma centelha da confiabilidade que tínhamos quando a verdade não era uma opção mercadológica.

O crescente uso das mídias sociais pelos seres humanos proporciona o contexto do surgimento da pós-verdade assim como o encadeamento de fatores propícios para o surgimento de movimentos de revolução, o que explica a ação tão intensiva de práticas de proibição e censura dos meios de comunicação em regimes totalitários. Apesar disso, os manifestantes sempre criam novas táticas para contornar essas situações, seja pela utilização de redes privadas de compartilhamento (*deep web*¹¹) ou pela utilização de aplicativos de terceiros que possibilitem a comunicação.

Ainda que não possamos crer em uma completa neutralidade da rede é preciso discernimento para aprender a distinguir, dentre a infinidade de projetos, suas intencionalidades, para então criar e propagar usos que inovem na perspectiva de garantir que haja investimento em projetos que autorizem os sujeitos, que potencializem o sentimento de pertença, colaboração e cidadania.

¹¹ O problema não é a deep web. Fonte: <http://bit.ly/itsdeepweb>

Uma técnica não é boa, nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades) [o que nos impõe a necessidade de] situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que dela fazer (LÉVY, 2000, p. 26)

Diante de tudo que foi exposto, e de todas as implicações impostas por esse contexto, podemos perceber que a busca por uma tática de confronto e resistência consciente em tempos de pós-verdade, pode encontrar respostas na prática do ativismo nas redes em consonância com o resgate da valorização das fontes em uma convivência crítica, ética e plural em busca de expressões políticas engajadas.

Em um ambiente onde múltiplas vozes se levantam é preciso que alguém faça a mediação das narrativas em busca de gerar um diálogo que compreenda também a manifestação de um outro grupo de interlocutores, que vão transitar por esses mesmos dispositivos, plataformas, oportunidades e experiências em busca de legitimar os fatos e os movimentos sociais democráticos.

Nós, enquanto docentes, fomos escolhidos pelas circunstâncias para atuar nesse combate e essa atribuição não poderia ter sido mais coerente tendo em vista os diversos ataques que a classe tem sofrido como um dos alvos preferenciais da atual organização. Nesse momento a pergunta passa a ser: como compreender o contexto da emergência das fake news e suas repercussões na sociedade, inclusive na educação e desenvolver metodologias de pesquisa-formação em tempos de pós-verdade?

A docência na cibercultura proporciona oportunidades de múltiplas experimentações e expressões, provocando situações de inquietação criadora e mobilizando a experiência do conhecimento através da interatividade em sala de

aula (SILVA, 2009). Nesse contexto de enfrentamentos, o papel docente é fundamental na construção de sua própria perspectiva crítica como também por mediar todo o processo crítico formativo dos praticantes.

O papel do professor é criar e arquitetar ambiências formativas, inteligentes e desafiadoras, que preparem as pessoas para o exercício da cidadania, ou seja, para afetar a cidade e se apropriar dos seus equipamentos e paisagens de forma cidadã. Isso não acontece sem processos formativos educacionais, sem investimento público e privado e sem a integração de redes educativas diversas. Por outro lado, ele não pode criar essas ambiências se não as vivenciar, se não ampliar o seu próprio repertório. Por isso, o professor é um profissional que se educa o tempo todo em relação ao ciberespaço. Ele também não pode abrir mão do processo de mediação, que é estar junto aos alunos. Não apenas criar ambiência, mas a presença física, simbólica e comunicacional faz com que esses espaços sejam melhores aproveitados. (SANTOS, 2018)

Os arranjos até aqui apresentados constituem os engendramentos necessários para o desmonte de nossa realidade em busca de um contexto generalizado de desinformação, mas sugere, em contrapartida, uma série de estratégias pelas quais, docentes ciberculturais podem estruturar suas práticas em busca de se fazer ouvir através da autoria de suas produções.

Escolhemos falar desse lugar de pesquisa como um posicionamento político de resistência ante aos recentes ataques à educação pública, a fim de demonstrar que a universidade não como espaço nefasto de doutrinação como fizeram acreditar as montagens de fotos que se espalharam pelas redes. Mas em busca de reafirmar perante a opinião pública que as universidades, são por excelência, espaços de livre pensamento, de exercício da democracia e de principal desenvolvimento de produção científica brasileira. Um movimento fundamental nesse momento de fragilidade e de incertezas, reforçando o que significa o ensino público, gratuito e de qualidade para o futuro do país.

Definidos assim os dilemas que permeiam nossas atuais pesquisas, entendemos então que a singularidade do fenômeno demanda a aquisição de novos saberes e práticas em busca de uma maior compreensão desses elementos. Buscamos então estratégias de existência nas vivências do cotidiano, nas práticas de resistência e nas novas iniciativas do jornalismo independente da atualidade, tentando assim viver outros contextos de pesquisa-formação em busca de promover práticas que possam desarticular a eminente falência da democracia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cercados pelas narrativas e imagens dessa pesquisa-formação na cibercultura, onde buscamos compreender os usos que os praticantes de uma disciplina de um curso de pedagogia faziam de um aplicativo de produção de memes, pudemos perceber o surgimento do processo de autoria crítica conforme se constituíam suas práticas.

Essas produções criaram novas oportunidades de reflexão acerca dos usos que até então vínhamos fazendo de nossos dispositivos móveis em busca de compreender como provocar a geração de novos educadores para o engajamento na luta pela sua própria resistência, chamando e organizando atos e movimentos a partir das redes, para unir a população em busca de mudança.

A perspectiva de formar docentes para o atual momento da cibercultura muda o olhar acerca do próprio fazer pedagógico, na medida que produz empoderamento desses docentes para resistir e atuar na interface cidade-ciberespaço combatendo a desinformação. Nesse sentido, espera-se que essa perspectiva de formação possa gerar docentes cada vez mais atuantes no ciberespaço, conscientes de sua realidade e principalmente de seu papel transformador, ainda que o cenário atual caminhe, para um contexto cada vez menos favorável para a democracia.

Assim entendemos que ser um docente em tempos de cibercultura, é, portanto muito mais que produzir contextos formativos utilizando-se tecnologias digitais em rede, mas é também ser autor de uma prática que busque propagar a esperança de dias melhores para uma população desenganada.

Vivendo em um momento onde a opressão não tem pressa para terminar, conectar a docência com a vivência crítica da cibercultura parece essencial para possibilitarmos transformação da sociedade tendo como protagonista o professor. Afinal, como dizia Paulo Freire: a educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.

REFERÊNCIAS

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. **Social Media and Fake News in the 2016 Election**. Journal of Economic Perspectives. 2017. 31. 211-236. 10.1257/jep.31.2.211. Disponível em: <https://bit.ly/aboutdatafakenews>. Acesso em: 2 mar. 2020.

ALMEIDA, Wallace; SANTOS, Edméa; CARVALHO, Felipe. Autorias Colaborativas via Aplicativos em Rede: APP - Docência em Atos de Currículo. In: CARDOSO, Ariston de Lima; SANTOS, Adilson Gomes dos; SANTO, Eniel do Espírito (org.). **Tecnologias e Educação Digital: diálogos contemporâneos**. Cruz das Almas, Ba: UFRB, 2018. p. 201-224. Disponível em: <http://bit.ly/livrotecnologias>. Acesso em: 2 mar. 2020.

BACKES, Luciana. **As manifestações da autoria na formação do educador em espaços digitais virtuais**. Revista de Educação, Ciência e Cultura, v. 17, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://bit.ly/autoriabackes>. Acesso em: 2 mar. 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2011.

LEMOS, André. **Ciberativismo**. In: Correio Brasiliense, 15 nov. 2003. Caderno Pensar. Disponível em: <https://bit.ly/ciberativismolemos>. Acesso em: 2 mar. 2020.

LÉVY Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

FOUCAULT, Michel. 1977. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis, RJ: Vozes

MEDEIROS, Magno. **Universidade sob ataque. Por quê?** 2019. Disponível em: <https://bit.ly/universidadeataque>. Acesso em: 2 mar. 2020.

SANTAELLA, Lucia. **A Pós-Verdade É Verdadeira ou Falsa**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2018. 98 p.

SANTOS, Edméa. **Educação Online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente**. 2005. 351 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2005. Disponível em: <http://bit.ly/tesedmeasantos1>. Acesso em: 2 mar. 2020.

_____. **Pesquisa-Formação na Cibercultura**. Santo Tirso, Portugal: Whitebooks, 2015. 204 p. Disponível em: <http://amzn.to/persquisafor2015>. Acesso em: 2 mar. 2020.

_____. **Cibercultura é importante para a formação de professores em ambiente digital: educação online não é evolução da educação a distância**. Educação online não é evolução da educação a distância. 2018. Disponível em: <http://bit.ly/ciberformacao>. Acesso em: 2 mar. 2020.

_____. **Pesquisa-Formação na Cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019. 223 p. Disponível em: <http://bit.ly/pesquisafor2019>. Acesso em: 2 mar. 2020.

SILVA, Marco. **Formação de professores para a Docência Online**. Braga: Universidade do Minho, 2009

SNOWDEN, Edward. **Whistleblowing não é apenas vazamento de informações é um ato de resistência política**. 2016. Disponível em: <http://bit.ly/owhistleblower>. Acesso em: 2 mar. 2020.

TORRES, Patrícia Lupion. Laboratório on-line de aprendizagem: uma experiência de aprendizagem colaborativa por meio do ambiente virtual de aprendizagem Eurek@ Kids. **Cadernos Cedes**, [s.l.], v. 27, n. 73, p.335-352, dez. 2007. FapUNIFESP (SciELO).

VIANA, Natalia. **How WikiLeaks Revitalized Brazil's Media: Cablegate did not just reveal secrets, it inspired a new culture of investigative journalism**. 2012. Disponível em: [http:// https://bit.ly/cablegatebrasil](http://https://bit.ly/cablegatebrasil). Acesso em: 2 mar. 2020.